

UNIDADE 6

0 período helenístico

6



Objetivos de aprendizagem

- Identificar as principais etapas de desenvolvimento da filosofia helenística.
- Diferenciar as principais escolas do helenismo.
- Identificar os principais representantes de cada escola.
- Identificar os principais conceitos de cada filósofo estudado.
- Compreender os avanços e os limites de cada teoria.
- Compreender os fatores históricos e políticos que condicionaram o desenvolvimento tardio da filosofia grega.



Seções de estudo

- Seção 1** O desaparecimento da pólis e a reinvenção do homem grego
- Seção 2** Os cínicos
- Seção 3** O ceticismo
- Seção 4** O epicurismo
- Seção 5** O estoicismo
- Seção 6** O sentido geral do período helenístico



Para início de estudo

Após o seu apogeu, ocorrido em Atenas com Sócrates, Platão e Aristóteles, a filosofia grega passa por transformação profunda nos séculos que se seguiram ao domínio de Alexandre sobre uma imensa parte do mundo civilizado. Vamos ver a seguir um breve panorama das principais escolas filosóficas dessa época e de seus representantes mais ilustres.

SEÇÃO 1 - O desaparecimento da *pólis* e a reinvenção do homem grego

A partir do século IV a.C., a cultura clássica sofre uma considerável mudança de rumo. O contexto histórico e cultural modifica-se rapidamente, dando início a um período que durará aproximadamente mil anos. Essa nova fase da cultura ocidental é conhecida como **período helenístico** e se estende até o século V depois de Cristo.



Atenção!

Nesse período, a filosofia sofre uma profunda reformulação: os sistemas de Platão e Aristóteles já não atendem às necessidades dos grandes intelectuais da época e é preciso buscar novas formas de pensar a realidade.

Para compreender como e por que surgem as filosofias helenísticas, é conveniente traçarmos um breve esboço do contexto histórico que levou ao seu florescimento.

Contexto histórico

Em 490 a.C., um grande número de cidades-Estado gregas se uniram na luta contra a invasão dos persas. Após a vitória dos gregos, começa uma disputa interna entre Atenas e Esparta, na busca do controle econômico e militar sobre as demais cidades-Estado. A partir do ano 431 a.C., essa disputa se transforma em uma guerra (a guerra do Peloponeso). Essa guerra abalou o sentimento de unidade dos gregos e consumiu recursos

humanos e econômicos e, por fim, acabou deixando toda a Grécia vulnerável.

O rei da Macedônia, um país até então pouco expressivo, situado ao norte da Grécia, aproveita-se dessa situação e dá início a uma campanha expansionista. Uma a uma, as cidades-Estado gregas foram sendo conquistadas e anexadas pela Macedônia, que, rapidamente, se torna um grande império. Em poucas décadas, os três reis que se sucederam no trono da Macedônia – Amintas, Filipe e Alexandre – construíram um império colossal, que englobava a Grécia, o Egito e todo o Oriente Médio, chegando aos limites da Índia.



No apogeu desse imenso império, a cultura grega passa a influenciar de modo marcante a forma de pensar a política, e mesmo a compreensão da realidade, do universo e do ser humano, nas nações conquistadas por Alexandre. Nesse contexto, o termo “helenismo” designa o processo de difusão generalizada da cultura grega para além das fronteiras geográficas da Grécia.

Mais tarde, a cultura helenística foi incorporada pelos intelectuais da nobreza romana e disseminada por toda a Europa ocidental. Dessa forma, a produção filosófica do Império Romano acaba sendo uma continuação daquela iniciada na Grécia, nos tempos de Alexandre, sem nenhuma inovação significativa.



Saiba mais sobre o período helenístico!

No período helenístico, a língua grega, sob a forma do dialeto Koiné (comum), se estabelece como um instrumento de universalização da cultura. É por este motivo que o Novo Testamento foi escrito em Koiné – para que a mensagem de Cristo pudesse alcançar o mundo todo.

Nesse contexto histórico, a *pólis* grega, enquanto unidade política autônoma, deixa de existir. Com o fim da democracia grega, a forte ligação entre o cidadão e a *pólis* é quebrada, e o indivíduo percebe-se cada vez mais como uma parte minúscula e insignificante de um império gigantesco. **O homem grego precisou reinventar-se.**

A Autarcia

Os gregos formavam um povo que, acima de tudo, amava a liberdade. Vivendo em um grande império, essa liberdade deixa de ter um sentido político e passa a ter, cada vez mais, uma conotação individual. Ganha força, então, a noção de autarcia (autárkheia).

A palavra grega *autárkheia* é formada pelos vocábulos *autos* (si mesmo) e *arkeo* (ser suficiente). Literalmente tem o sentido de **auto-suficiência**.

Embora não tivesse acesso à esfera mais elevada das decisões, o cidadão grego gozava de uma liberdade política nunca antes desfrutada. Com o império, sua ação era limitada muito mais por instituições políticas concebidas de forma racional do que pelas exigências arbitrárias de algum governante inebriado pelo poder. O homem grego tornara-se cosmopolita, podendo deslocar-se, a seu bel-prazer, para qualquer parte do mundo conhecido; havia liberdade para cada um escolher sua própria religião e, até mesmo, para não seguir nenhum preceito religioso.

Contudo o homem grego não se sente livre. A prosperidade econômica permite-lhe compreender que a riqueza, por si só, não é suficiente para produzir a felicidade. O acesso a novas culturas mostra que, por mais requintadas que sejam as teorias filosóficas, elas não passam de construções humanas.

O homem sente, de uma forma cada vez mais premente, que é limitado, que sua vida é efêmera e que seu poder para alterar a ordem do mundo é insignificante. A morte precoce de Alexandre, o homem mais poderoso que já existira sobre a face da Terra, só reforçou essa percepção.



Como ser feliz?

Curiosamente, a resposta dada pelos gregos a essa pergunta, em todas as épocas, sempre foi a mesma:
- Sendo livre.

A pergunta relevante agora é: - Como ser livre?

Ataraxia

Embora tenham surgido diversas correntes filosóficas no período helenístico, há um ponto em comum entre elas: **a tese de que a felicidade é alcançada quando conquistamos a tranqüilidade interior.**

A felicidade não é um estado passageiro, nem é fruto das circunstâncias; ela é uma conquista.

Quando temos tudo o que queremos, quando não tememos o futuro e quando estamos satisfeitos, aí então somos felizes. E, principalmente, quando alguém descobre que a sua satisfação depende apenas de suas próprias atitudes e escolhas, a felicidade torna-se palpável.



Mas será que isso é possível?

Sim. Para aqueles que buscam a sabedoria, isso é possível.



Qual é, então, o caminho para alcançar esse pleno e permanente estado de realização?

O primeiro passo é perceber que a felicidade não depende do **ter**, e sim do **ser**.

Quanto mais bens alguém possui, mais deseja conquistar. Os grandes prazeres são efêmeros e fugazes. O desejo de posse nos torna pessoas frustradas e infelizes.

O verdadeiro caminho para alcançar uma satisfação plena e duradoura é o da construção da paz interior.



A verdadeira felicidade é a **ataraxia**, ou seja, a imperturbabilidade da alma.

Até aqui, todos os filósofos do helenismo concordam.



Como alcançar a ataraxia?

Mas, a partir daqui, surgem propostas diferentes. No período helenístico, vamos encontrar, basicamente, quatro respostas diferentes para essa questão. Cada uma dessas respostas produziu uma nova postura filosófica: o cinismo, o ceticismo, o hedonismo e o estoicismo. São essas quatro linhas de pensamento que vamos conhecer mais detalhadamente agora.

SEÇÃO 2 - Os cínicos



Figura 6.1 – Antístenes.

Fonte: <www.educ.fc.ul.pt/.../images/Antisthenes.JPG>.

Desde a sua origem, com Tales de Mileto, até o seu auge, alcançado em Atenas com Sócrates, Platão e Aristóteles, a filosofia esteve restrita às elites gregas. Embora muitos filósofos tenham levado uma vida simples e sem ostentação, eles nunca se afastaram, de fato, dos círculos sociais da aristocracia. O primeiro a fazer isso foi Antístenes de Atenas.

Antístenes (444 - 371 a.C.) foi discípulo de Sócrates. Com a morte do mestre e com a submissão de Atenas a Esparta, Antístenes cria aversão aos valores da aristocracia ateniense. A partir de então, radicaliza algumas idéias que haviam sido sugeridas por Sócrates e as transforma nos pontos fundamentais de uma nova proposta filosófica.



A primeira idéia é a de **autarcia**, a capacidade de bastar-se a si mesmo, de não depender dos outros ou da posse de bens materiais para ser feliz. A outra idéia, complemento da primeira, é a de **autodomínio**: a capacidade de suportar a dor, o cansaço e a privação. Essas duas idéias já eram defendidas moderadamente por Sócrates e por Platão, mas Antístenes as leva ao extremo. A ética de Antístenes se baseia na fuga dos prazeres, no combate aos desejos e no esforço voltado a alcançar a insensibilidade ao sofrimento.

Antístenes criticava Platão, por julgar inútil o aprofundamento teórico produzido na Academia. Para ele, a preocupação com os aspectos práticos da vida era mais fundamental do que o refinamento da especulação lógico-conceitual. Baseando suas explicações em analogias simples, Antístenes costumava expor e discutir suas idéias em um ginásio chamado *Kynosarge* (cão

ágil). Daí saiu a alcunha de *kynikoi* (aqueles que são como os cães) dada aos seus seguidores. É claro que também contribuiu com o surgimento desse apelido o desprezo dos seus discípulos pelos prazeres considerados tipicamente humanos por seus contemporâneos.



Atenção!

Antístenes e seus seguidores não eram cínicos no sentido atual da palavra.

Pelo contrário, eles faziam questão de ser o exemplo vivo das idéias que defendiam.

Entre os discípulos de Antístenes, o mais famoso foi Diógenes de Sínope, mais conhecido como Diógenes - o cínico. Por suas atitudes radicais e pitorescas, o discípulo acabou se tornando mais conhecido que o próprio mestre. Acredita-se que ele tenha escrito algumas obras, mas delas não sobraram sequer fragmentos.



Atenção!

Não confunda o filósofo cínico **Diógenes de Sínope** com o historiador da filosofia **Diógenes Laertius**.

Existem várias histórias a respeito de Diógenes, o cínico. Conta-se que vivia na rua e morava em um velho barril. Entre os poucos objetos que possuía, estava um lampião que ele usava durante o dia, quando saía pelas ruas gritando no meio da multidão: “Procuro o homem!”. Segundo a interpretação mais usual dessa frase, Diógenes buscava o homem em sua essência mais pura, algo que se havia perdido com a cultura e com as convenções da vida social.



Figura 6.2 – Diógenes de Sínope.

Fonte: <www.mlahanas.de/.../images/DiogenesJLGerome.jpg>.

Conta-se também que, certa vez, o imperador Alexandre parou diante de Diógenes que tomava sol junto ao seu barril. Alexandre lhe perguntou o que mais desejava. A resposta foi desconcertante: “Não me tires o que não podes me dar!”, insinuando que o grande imperador estava, com sua sombra, atrapalhando o seu banho de sol.



Diógenes se empenhou em demonstrar que a natureza nos coloca à disposição tudo o que realmente precisamos para vivermos felizes. Defendia a liberdade sexual e a abolição de todas as normas. Para ele, o Estado, as leis, o dinheiro, a propriedade, o casamento e tantas outras invenções antinaturais só afastam cada vez mais o ser humano da felicidade.

A proposta cínica da busca da autarcia e do autodomínio e de desprezo pela abstração teórica desvinculada da utilidade prática influenciou profundamente as novas escolas filosóficas que surgiram no período helenístico. No entanto o radicalismo em relação às convenções sociais contribuiu para o enfraquecimento da escola de Antístenes após a morte de seu fundador e de seu mais célebre discípulo.

SEÇÃO 3 - O ceticismo

O ceticismo é uma das doutrinas que surgem no período helenístico, voltadas para a obtenção da tranqüilidade da alma. A principal tese dos filósofos céticos é a de que, para alcançar a tranqüilidade, é preciso controlar nosso desejo de ter certezas absolutas.

Pode-se dizer que a idéia de que **o ser humano não é capaz de alcançar a certeza**

Absoluta jamais faz parte da própria essência da filosofia antiga. No entanto, ainda que saiba que jamais a alcançará, o filósofo é aquele que não consegue deixar de desejar e de buscar a verdade.

A busca da sabedoria (ou seja, a própria filosofia) pode ser interrompida de duas formas, quando alguém:

- perde a esperança de encontrar a verdade e passa a considerar a essa busca como irracional; ou,
- pensa que finalmente encontrou a verdade e que a busca já não é mais necessária.

No primeiro caso, o objeto do desejo do filósofo é visto como inalcançável. Sua vida estaria fadada a ser, inevitavelmente, frustrante. A única saída para alcançar a felicidade seria aniquilar o desejo de conhecer a verdade.

No segundo caso, tem-se a impressão de que a sede de saber é saciada por alguma teoria sofisticada, ou por elaborações metafísicas engenhosas. Mas isso, segundo os céticos, é o extremo oposto da filosofia: isso é ingenuidade.

Ceticismo: nem desespero, nem consolo.

Aristóteles havia proposto em sua ética a escolha do meio-termo entre o excesso e a carência, como caminho para a felicidade. Os céticos propõem que se aplique esse preceito do meio-termo também à nossa sede de saber.

A proposta do ceticismo é exatamente essa: diminuir e orientar a nossa necessidade de ter certezas e, principalmente, tomar cuidado para não se deixar iludir por falsas certezas.

Na introdução da sua obra *Hipotíposes Pirrônicas*, o filósofo Sexto Empírico descreve assim a posição cética:

O resultado natural de qualquer investigação é que aquele que investiga ou bem encontra o objeto de sua busca, ou bem nega que seja encontrável e confessa ser ele inapreensível, ou ainda, persiste na sua busca. O mesmo ocorre com os objetos investigados pela filosofia, e é provavelmente por isso que alguns afirmam ter descoberto a verdade, outros, que a verdade não pode ser apreendida, enquanto outros continuam buscando. Aqueles que afirmam ter descoberto a verdade são os 'dogmáticos'; assim são chamados especialmente, Aristóteles, por exemplo, Epicuro, os estóicos e alguns outros. Clitômaco, Carnéades e outros acadêmicos consideram a verdade inapreensível, e os céticos continuam buscando. Portanto parece razoável sustentar que há três tipos de filosofia: a dogmática, a acadêmica e a cética. (Apud MARCONDES, 2001, p. 93-94)

Ou seja, o ceticismo, enquanto escola filosófica do período helenístico, não prega a impossibilidade do conhecimento. Mas também acha que é ingenuidade ou falta de senso crítico se contentar com os resultados já alcançados.

A escola cética foi fundada por Pirro de Élis (365 – 270 a.C.). Pirro, que segundo algumas fontes era filósofo e pintor, acompanhou Alexandre em sua campanha de conquista ao Oriente. Nessa viagem, teria entrado em contato com *gimnosofistas* (os sábios nus), provavelmente mestres iogues. De volta a Élis, viveu de forma simples, afastado das preocupações mundanas.



Pirro defendia três princípios fundamentais para a obtenção da tranqüilidade: a **apraxia** (inação), a **aphasia** (ausência de discurso), **apathia** (insensibilidade frente ao prazer e à dor). Através da aplicação desses princípios práticos, seria possível alcançar a **ataraxia** (imperturbabilidade) e, conseqüentemente, a **eudaimonia** (felicidade).

Dos cínicos, Pirro mantém a rejeição à abstração teórica desvinculada da utilidade prática. Além disso, a *apathia* também pode ser considerada como uma retomada do princípio de autodomínio. Mas isso não implica um abandono da vida prática ou uma ruptura com as convenções sociais, como pregavam os cínicos. Se o objetivo da filosofia deve ser sempre a busca da ataraxia, o caminho apontado pelo ceticismo é o da moderação e da manutenção do senso crítico.



Atenção!

Tome cuidado para não confundir o filósofo cético Pirro de Élis com o grande general macedônio Pirro de Épiro.

SEÇÃO 4 - O epicurismo

Também chamada de *hedonismo* e de *filosofia do jardim*, o epicurismo é outra doutrina filosófica que surge no período helenístico, voltada para a obtenção da serenidade interior.



A principal tese dos filósofos epicuristas é a idéia de que, para alcançar a tranqüilidade, é preciso cultivar o prazer. Os princípios fundamentais do epicurismo são a amizade, a moderação, o livre arbítrio e a indiferença à morte e aos deuses.

Epicuro, o fundador da escola que tomou o seu nome, nasceu em Samos, em 341 a.C., e morreu em Atenas, em 270 a.C., aos setenta anos de idade. Há relatos de que teria sido aluno de Pânfilo, um filósofo ligado à Academia, e de Nausífanos, discípulo de Demócrito.

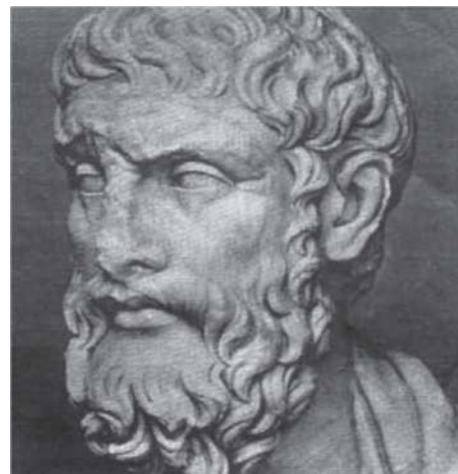


Figura 6.3 – Epicuro.

Fonte: <www.consciencia.org/.../pictures3/epicuro.jpg>.

Em 306 a.C., após lecionar em Cólofon, Mitilene e Lâmpsaco, Epicuro transfere-se para Atenas, onde funda a sua escola. Embora estivesse situada no grande centro econômico e cultural do mundo da época, em que funcionavam as duas maiores escolas de filosofia (a Academia e o Liceu), a escola de Epicuro estava instalada numa propriedade afastada do centro da cidade, num local tranqüilo e acolhedor, e o distanciamento da vida urbana e a integração com a natureza favoreciam a introspecção. Por sua beleza natural, a propriedade que abrigava a escola passou a ser chamada de jardim (*képos*), e Epicuro e seus seguidores muitas vezes são referidos como os **filósofos do jardim**.

Epicuro escreveu diversas obras, mas a maior parte não chegou até nós. Restaram apenas algumas cartas, coleções de frases memoráveis e alguns fragmentos de seus tratados. A principal obra do epicurismo que chegou completa até os nossos dias é *A Natureza das Coisas* (*De Rerum Natura*), escrita por Tito Lucrécio Caro, um epicurista do século I a.C.



Para o epicurismo, a filosofia é constituída de três partes que se articulam. Em primeiro lugar, a **teoria do conhecimento**, que permitiria identificar nossas crenças infundadas e auxiliar a reconhecer a verdade. Em segundo lugar, a **física** deveria mostrar a verdadeira estrutura da realidade na qual o homem se insere. Por fim, teríamos a **ética**, que deveria indicar um caminho para a felicidade. A filosofia assim concebida deveria constituir-se na fundamentação racional que permitisse ao indivíduo tornar-se um artesão de sua própria vida, alguém capaz de “confeccionar” sua própria felicidade.

A teoria do conhecimento epicurista (também chamada de *canônica*) é um empirismo radical. Totalmente oposta à tese eleática e platônica segundo a qual a experiência sensível é fonte de ilusão e erro, Epicuro propõe a sensação como critério fundamental para o conhecimento da verdade.



Para Epicuro, a sensação é o único conhecimento legítimo.

Somente ela capta, de forma infalível, o ser.

A partir desse critério fundamental, nossos juízos poderiam ser avaliados de duas formas:

- quando o juízo se refere a algo observável através dos sentidos, o critério é a concordância entre o juízo e os fenômenos sensíveis correspondentes;
- quando o juízo envolve fenômenos não-observáveis, o critério passa a ser a ausência de contradição com os dados fornecidos pela experiência (critério da **não-infirmação**).



Influenciada pelas idéias de Demócrito, a física de Epicuro é atomista e materialista. Partindo do critério da não-infirmação, Epicuro defende que a teoria atomista, segundo a qual tudo é constituído de átomos que se movem no vazio, é a que melhor explica o movimento.

Como os átomos de Demócrito e Leucipo, os átomos da física epicurista diferem uns dos outros apenas pela forma, pelo tamanho, pela posição e pela ligação a outros átomos. No entanto Epicuro introduz duas novas distinções: os átomos seriam diferentes também quanto ao **peso** e teriam uma capacidade intrínseca de provocar **desvios em seu movimento**.

É o peso, e não a forma, que faz com que os átomos estejam eternamente caindo dentro de um vazio cósmico. Nessa queda, no entanto, os átomos podem sofrer desvios de direção (*clinámen*). Os choques entre átomos, decorrentes desses desvios, é que

possibilitariam, segundo essa teoria, a formação de aglomerados, gerando a matéria.



Assim, o clinámen seria a fonte primordial do devir.

Embora esta teoria pareça, à primeira vista, um pouco “forçada”, Epicuro vê nela as seguintes vantagens:

- respeita o critério de não-infirmação;
- é uma teoria essencialmente materialista, totalmente purificada de qualquer conotação mítica ou sobrenatural;
- não reduz o cosmos a um mecanicismo determinista, o que deixa espaço para o livre arbítrio e para a ética.

A ética epicurista

A ética é a parte central da filosofia epicurista. Para Epicuro, a filosofia deveria servir como via de acesso à verdadeira felicidade.



Por isso, em primeiro lugar, a filosofia deve libertar a alma humana do medo provocado por crenças infundadas. Em segundo lugar, deveria proporcionar a serenidade de espírito, construída através da autarcia. E, por fim, a filosofia deveria auxiliar o homem a alcançar uma vida agradável através de uma orientação racional, para a obtenção do prazer.

A ética epicurista é **hedonista**, ou seja, é baseada na idéia de que o prazer é um bem a ser buscado pela ação virtuosa. Vazquez (1984, p. 242) resume a ética epicurista assim:

Para os epicuristas, tudo o que existe, incluindo a alma, é formado de átomos materiais que possuem certo grau de liberdade, na medida que se podem desviar ligeiramente na sua queda. Não há nenhuma intervenção divina nos fenômenos físicos nem da vida do homem. Libertado assim do temor religioso, o homem pode buscar o bem neste mundo (o bem, para Epicuro, é o prazer). Mas há muitos prazeres, e nem todos são igualmente bons.

É preciso escolher entre eles para encontrar os mais duradouros e estáveis, que não são os corporais (fugazes e imediatos), mas os espirituais; isto é, os que contribuem para a paz da alma.

A busca do prazer (*hedoné*) é um dos pontos mais fundamentais da ética epicurista. No entanto, como nos explica Pessanha (1980, p. XII), o ser humano precisa saber escolher os seus prazeres:

Enquanto ser natural, o homem - como os animais - pauta sua vida, espontaneamente, pela procura do prazer e pela fuga da dor. Mas a verdadeira sabedoria está além desse comportamento natural e espontâneo: sábio é reconhecer que há diferentes tipos de prazer, para saber selecioná-los e, dosá-los. [...] Epicuro considera que todo prazer é basicamente um prazer corpóreo. Mas o prazer que o homem deve buscar não é o da pura satisfação física imediata e mutável, o “prazer do movimento”. Para Epicuro, o prazer que deve nortear a conduta humana - o prazer com dimensão ética e não apenas natural - é o “prazer do repouso”, constituído pela *ataraxia* (ausência de perturbação) e pela *aponia* (ausência de dor). Ambas podem ser alcançadas na medida que o homem, através do autodomínio, busque a auto-suficiência que o torne um ser que tem em si mesmo sua própria lei, um ser autárquico, capaz de ser feliz e sereno independentemente das circunstâncias.



Outro ponto fundamental da ética epicurista é a importância atribuída à amizade. É só a partir do convívio e da amizade que se pode alcançar a verdadeira felicidade obtida através do compartilhamento dos pequenos prazeres da alma.

Vencido o temor em relação ao sobrenatural (serenidade espiritual) e alcançada a autarcia (serenidade física), Epicuro propõe o cultivo da amizade e a busca de prazeres moderados como o ponto alto da busca da felicidade.

A filosofia de Epicuro exerceu grande influência já em sua época e até hoje pauta a reflexão ética e sobre o sentido da existência humana. O epicurismo é uma filosofia da vida e, principalmente, uma filosofia que, mais que compreendida, surgiu para ser vivenciada.

SEÇÃO 5 - estoicismo

O estoicismo foi a mais influente das escolas helenísticas, a que teve maior número de seguidores e a que perdurou como tradição intelectual por mais tempo. Foi também a mais universalista das escolas helenísticas.

A história do Estoicismo inicia em 300 a.C., quando Zenão de Cítio funda uma escola em Atenas. Nascido em Chipre, Zenão não era cidadão ateniense e, pela lei vigente, os estrangeiros não podiam adquirir propriedades em Atenas. Sem ter onde estabelecer sua escola, Zenão dava suas aulas em locais públicos de Atenas. O local preferido era um pórtico (*estoá*) e, por esse motivo, Zenão e seus seguidores passaram a ser chamados de *filósofos do pórtico* ou *filósofos estóicos*.

A escola estóica se desenvolveu em três períodos bem distintos. Conheça-os.

1. **Antiga Estoá** – protagonizada por Zenão de Cítio (332 – 262 a.C.), Cleantes de Assos (331 – 232 a.C.) e Crísipo de Solis (280 – 206 a.C.). Nesse período, a filosofia estóica é elaborada como um sistema completo. Foi o período de maior esplendor do estoicismo, e nenhuma outra escola teve tanto sucesso durante esse período. Após a morte de Crísipo, a escola, aos poucos, foi perdendo o seu prestígio em Atenas.
2. **Média Estoá** – protagonizada por Panécio de Rhodes (185 – 129 a.C.) e Possidônio de Apanca (c.135 – 51 a.C.). Ao assumir a direção da escola, Panécio introduz no estoicismo algumas idéias de outros filósofos. Essa versão eclética da doutrina estóica faz a escola reviver seus dias de glória. Possidônio, discípulo de Panécio, funda uma nova escola em Rhodes, que também obteve grande sucesso.
3. **Estoá romana** ou **Nova Estoá** – protagonizada por Sêneca (2 a.C. – 65 d.C.) e Marco Aurélio (121 – 180 d.C.) difundem, principalmente, a ética do estoicismo.

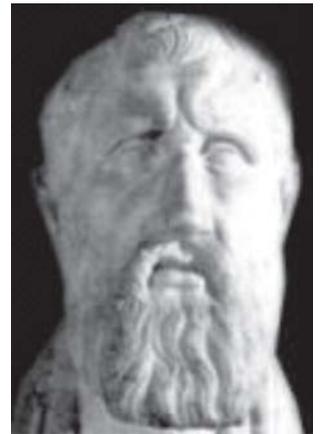


Figura 6.4 – Zenão de Cítio.

Fonte: <ummundomagico.blogs.sapo.pt/.../zenao_citio.jpg>



O estoicismo surge como uma supervalorização da razão. A idéia de que nada no universo pode ser superior à razão é o núcleo do estoicismo. Todas as outras idéias que compõem a doutrina estoica são decorrências dessa tese fundamental.

A filosofia estoica constitui-se num sistema baseado em duas teses fundamentais, na verdade duas faces de uma mesma moeda:

- tudo no universo é dotado de razão;
- nada existe no universo que não seja matéria.

A partir dessas duas idéias fundamentais, os estóicos propõem uma metáfora aplicável a qualquer objeto da natureza: *Tudo no universo se assemelha a um ser vivo, no qual existe um sopro vital (pneuma) que produz a junção e a interdependência das suas partes.*

O próprio universo, como um todo, pode ser pensado como um grande organismo, dotado de uma alma racional que atua em cada uma de suas partículas. *E assim como os seres vivos possuem um ciclo vital, tudo no universo passa por fases de geração, crescimento e corrupção.*

A ética estoica

Tudo na natureza é governado pela Razão (Lógos). Essa Razão pode ser chamada de alma do mundo ou mesmo de Deus. Tudo existe e acontece segundo uma predeterminação rigorosa. Concebida desta forma, a natureza é, em si mesma, justa e divina.



Já o homem é justo apenas quando consegue estar em acordo consigo mesmo, isto é, com a sua própria natureza, que é intrinsecamente razão. Assim, de acordo com os estóicos, tudo o que extrapola o domínio puramente racional é antiético.

Aqui surge a grande diferença entre estóicos e epicuristas. Embora compartilhe vários ideais com o epicurismo, o estoicismo caracteriza-se principalmente por opor-se à busca do prazer.



Para alcançarmos a tranquilidade, é preciso que nos tornemos insensíveis ao prazer e à dor. Essa é a tese fundamental da ética estoíca.

Na relação com o corpo, a alma humana é capaz de agir de forma intencional (atividade), mas também está submetida a interferências não-intencionais, provocadas pela percepção sensível (paixão).



Eu posso dar um soco em uma parede: afinal de contas, eu controlo os meus músculos (atividade). No entanto, após ter dado o soco, não depende de uma escolha minha sentir, ou não, a dor (paixão) provocada pelo choque da minha mão contra a parede.

Nossas ações voluntárias são atividades da alma. Os prazeres e as dores que vivenciamos são paixões. As paixões não dependem apenas da razão. Elas trazem, portanto, uma dose de irracionalidade que precisa ser evitada o máximo possível. Pessanha (1980, p. XVI) explica essa necessidade de supressão das paixões da seguinte forma:

As paixões são consideradas pelos estoícos como desobediências à razão e podem ser explicadas como resultantes de causas externas às raízes do próprio indivíduo; seriam, como já haviam mostrado os cínicos, devidas a hábitos de pensar adquiridos pela influência do meio e da educação. É necessário ao homem desfazer-se de tudo isso e seguir a natureza, ou seja, seguir a Deus e à Razão Universal, aceitando o destino e conservando a serenidade em qualquer circunstância, mesmo na dor e na adversidade.



Viver em conformidade com a razão torna o homem feliz, porque o liberta da escravidão das paixões. O sábio é aquele que não se deixa enganar pelos prazeres, nem se deixa modificar pela dor. Para o pleno exercício da racionalidade, o prazer é tão pernicioso quanto a dor. Tornar-se insensível tanto ao prazer quanto à dor é uma condição necessária à vida ética.

SEÇÃO 6 - O sentido geral do período helenístico

As filosofias do helenismo representam um desenvolvimento tardio da mentalidade racionalizadora dos gregos.

Sem primar pela originalidade ao tratar da física e do conhecimento, as diversas escolas buscam seus fundamentos teóricos nos clássicos (Sócrates, Platão e Aristóteles) ou mesmo nos pré-socráticos. A grande mudança fica por conta do abandono da política e da reformulação da ética.



No período helenístico, apesar de todas as diferenças entre as diversas escolas, surge uma nova concepção de filosofia universalmente compartilhada: a filosofia como uma **arte do viver**. Mais importante que a teoria passa a ser a prática, a vivência.

Apesar de todas as discordâncias, as várias escolas tinham em comum:

- a negação da existência de qualquer ser transcendente à matéria;
- a busca da felicidade através do autodomínio, da autarcia, do desapego à propriedade, à riqueza e ao luxo e da busca da serenidade da alma.

Com o surgimento do cristianismo, essas concepções materialistas passam a enfrentar uma concorrência considerável. Alguns filósofos tentam conciliar com o cristianismo alguns dos elementos das éticas helenísticas, descolados de suas bases físicas e metafísicas e de suas respectivas concepções de conhecimento.



Aos poucos, o pensamento laico dos gregos foi perdendo espaço para a mentalidade religiosa judaico-cristã. O golpe final veio em 529, quando o imperador Justiniano, em defesa do cristianismo, proibiu o ensino da filosofia em todo o Império Romano, provocando o fechamento de todas as escolas pagãs.

Até hoje, é possível perceber a influência das filosofias helenísticas sobre o pensamento ocidental.



Síntese

Na história ocidental, o período helenístico inicia com a difusão da cultura grega nos países conquistados por Alexandre, o Grande, e termina com a queda do Império Romano.

Na filosofia, este período é marcado por uma reformulação do próprio sentido do ato de filosofar, tornando-o numa arte do viver. A ética e a política, antes indissociáveis, passam a receber tratamentos opostos: enquanto a reflexão sobre a ação humana, a liberdade e a felicidade ganha uma posição de destaque, a discussão de questões como a justiça social e legitimidade dos governos praticamente desaparece.

O indivíduo passa a ser a principal referência na problematização da realidade, e a **autarcia** e a **ataraxia** tornam-se temas fundamentais para a filosofia.

As principais escolas desse período foram a cínica, a cética, a epicurista e a estóica.

Os cínicos se destacaram por desprezar todas as convenções sociais; os céticos, por reconhecerem a impossibilidade da obtenção da episteme; os epicuristas, por valorizarem o prazer como um bem a ser buscado; e os estóicos, por pregarem a indiferença tanto ao prazer quanto à dor.

As filosofias helenísticas eram, originalmente, profundamente materialistas. Mas, após o surgimento do cristianismo, alguns filósofos tentaram conciliar a filosofia com a religião.

Na história da filosofia, o período helenístico termina em 529, com a proibição do ensino de filosofia em todo o Império Romano.



Atividades de auto-avaliação

Ao final de cada unidade, você realizará atividades de auto-avaliação. O gabarito está disponível no final do livro-didático. Mas se esforce para resolver as atividades sem ajuda do gabarito, pois, assim, você estará promovendo (estimulando) a sua aprendizagem.

1. Elabore um quadro, comparando a ética epicurista com a estoíca.

	Ética epicurista	Ética estoíca
Pontos de discordância		
Propostas coincidentes		

2. Localize no quadro a seguir o nome de dois filósofos de cada uma das quatro escolas helenísticas estudadas.

A	O	U	I	M	Q	E	A	I	A	I	R	S	Z	A	I	A	S	Z
R	Z	D	T	R	K	S	Z	H	O	I	G	I	E	E	F	O	R	P
I	L	S	I	R	O	G	I	L	M	O	R	L	R	L	S	C	V	N
S	N	R	K	P	G	T	F	R	A	F	A	I	D	L	I	S	O	D
G	R	S	A	C	U	L	O	X	V	I	I	P	O	T	S	I	R	E
O	T	H	E	I	C	F	L	Z	S	E	N	E	T	S	I	T	N	A
B	O	G	O	N	N	A	H	I	E	L	U	Q	E	A	P	O	Z	L
E	S	T	A	H	I	R	A	I	N	A	I	A	S	Z	M	Z	F	S
L	T	I	P	G	C	A	A	F	E	Z	A	E	R	I	P	U	O	E
E	I	F	O	X	O	M	U	E	G	H	I	F	E	O	A	O	R	X
S	O	T	S	I	N	O	M	L	O	L	A	I	R	E	M	A	R	T
A	R	H	I	P	A	F	F	I	I	A	F	R	Z	P	I	R	R	O
C	U	L	O	X	C	X	E	B	D	C	F	I	N	C	L	L	L	E
X	L	M	T	K	O	E	S	I	X	Z	N	E	D	R	K	S	Z	M
X	U	A	O	S	S	R	D	D	A	E	A	N	S	M	P	G	A	P
T	C	E	D	C	E	M	H	A	A	I	S	Z	E	N	A	O	I	I
U	R	H	E	H	O	U	L	D	A	X	Q	E	N	E	D	E	I	R
O	E	P	I	C	U	R	O	E	D	E	D	A	E	N	O	V	F	I
U	C	O	H	T	A	R	M	R	I	I	R	K	C	Q	H	O	U	C
Z	I	A	P	B	R	I	P	A	T	E	T	I	A	O	S	I	E	O
P	O	R	E	N	O	S	Z	O	D	E	T	E	E	K	S	Z	Z	K
I	D	S	R	A	R	T	I	E	L	X	E	T	U	R	R	I	R	E



Saiba Mais

Se você desejar, aprofunde os conteúdos estudados nesta unidade, consultando as seguintes referências:

- EPICURO et al. **Antologia de textos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**. Volume I: Antigüidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990.